

7. Angola sob a Estação das Chuvas: História e a Literatura na Escrita de José Eduardo Agualusa

João Carlos Luna^I
Lucas Victor Silva^{II}

O artigo trata de uma análise sobre as relações/distanciamentos existentes entre a narrativa histórica e literária na obra “Estação das Chuvas” do escritor angolano José Eduardo Agualusa. Discutimos as relações entre história e literatura na escrita de Agualusa, revelando algumas considerações sobre discussões teóricas a respeito dos dois gêneros discursivos.

Palavras-chave: José Eduardo Agualusa, Teoria da História, Angola.

The article deals with an analysis of the relations/distances between the historical narrative and literary works in the "Estação das Chuvas" of the Angolan writer José Eduardo Agualusa. We discuss the relationship between history and literature in the writing of Agualusa, revealing some thoughts on theoretical discussions about the two genres.

Keywords: José Eduardo Agualusa, Theory of History, Angola.

"Já não sei quem fui, quem sou. Já não sei o quanto de mim é, não a vida, mas aquilo que da vida em algum livro eu li". (Lídia do Carmo Ferreira)

Sobre o propósito de pensar a relação entre literatura e história

O leitor acomoda-se em sua cadeira. Toma Estação das Chuvas^{III} nas mãos. Começa a leitura. O calor de Angola toma o corpo. Então espera a chegada da estação das chuvas. Mas ela não chega. A cada página, o leitor descobre-se envolvido em uma busca sobre informações da vida de Lídia do Carmo Ferreira, poeta angolana desaparecida em 1992, pouco depois da primeira eleição de Angola. O leitor então caminha com Lídia, escuta suas palavras sobre uma Angola em chamas. Acompanha suas viagens e exílios por Lisboa, Berlim, Paris e Olinda. É convidado pelo narrador, a procurar pelos rastros da biografia da poeta em trechos de entrevistas que arbitrariamente interrompem a narrativa, em frases e pedaços soltos de



poemas, em páginas de um diário, em pichações de paredes de celas e em narrativas sobre encontros entre o narrador e a personagem.

As relações entre história e literatura constituem um campo de investigação que se apresenta de forma bastante expressiva no âmbito da história cultural. Este ensaio pretende, através da construção de uma leitura do romance, *Estação das Chuvas*, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, refletir um pouco sobre algumas possíveis aproximações / distanciamentos entre os dois ofícios.

Entre os fios da literatura e da história, *Estação das Chuvas* é uma obra que confunde e encanta. O fantasioso convive com a realidade dos eventos históricos nesta narrativa sobre Angola. Encanta a inventividade de uma escrita que constrói uma estranha proximidade entre a lucidez e a loucura, o real e o surreal, o possível e o absurdo ao tratar do passado.

O leitor se arrisca por uma leitura que mistura gêneros discursivos: é literatura ou história? O que é ficção e o que é verdade? Não que o escritor invente tudo sem referencial na realidade em que vive. Concordamos com a perspectiva de que “oliterato e o historiador têm em comum o documento – o dízimo que se paga ao real – ali cifrando uma leitura do mundo”.^{iv} Nem tão pouco o que o historiador escreve tem estatuto inequívoco de realidade/verdade. É melhor falar da história como um “discurso fronteiriço, ambíguo, no qual a segurança da verificação histórica e a arbitrariedade da imaginação literária se relativizam e se constituem mutuamente”.^v Mesmo assim, história e literatura não são a mesma coisa. “O discurso histórico, além de ser um discurso narrativo, possui instituições, técnicas e procedimentos analíticos através dos quais a autoridade de se escrever a história é construída”.^{vi}

Em *Estação das Chuvas* o autor parece brincar com os dois gêneros e escreve uma obra que transita entre a literatura e a história. É um discurso de fronteira. O subtítulo “romance” anuncia a pretensão literária, porém o leitor é confrontado com uma série de marcas do discurso histórico que funcionam no texto: transcrição/invenção de documentos pessoais dos personagens, citações de jornais, notas de rodapé citando livros e fontes históricas talvez inexistentes, entrevistas ficcionais e trechos narrativos de contextualização histórica que poderiam plenamente fazer parte de qualquer texto historiográfico. Assim, Agualusa se utiliza de alguns gestos historiográficos de separação, de reunião e de transformação de objetos (textos, rastros, imagens, sons) em “documentos”.



Conseguindo agregar a leveza da narrativa literária às trilhas dos eventos históricos da libertação de Angola, Agualusa nos apresenta uma escrita também preocupada com a pesquisa histórica. Por isso, desde já anunciamos a possibilidade de uma aplicação didática da obra em uma possível discussão sobre história de Angola no século XX.

O leitor se depara com trechos como (este abaixo) que funcionam como contextualizações históricas do desenrolar da trama e do destino dos personagens e de Angola. Agualusa explicita como o final da Segunda Guerra Mundial foi representativo para o início das ações de resistência contra o domínio imperialista:

A Segunda Guerra tinha terminado e a Luanda chegavam notícias fragmentadas de um mundo em renovação. A derrota do nazismo atingia a própria essência das teses racistas implantadas em Angola a partir do século passado. O darwinismo social era motivo de troça nas academias e os arrogantes germanófilos, que ainda há poucos meses advogavam a separação das raças e o afastamento dos negros e dos mulatos de todos os cargos públicos, tinham-se calado. Os estudantes organizavam marchas para apedrejar as janelas do consulado da Alemanha, ao mesmo tempo em que exasperavam o cônsul inglês com repetidas manifestações de apoio e agradecimento. Salazar, porém, continuava a apertar as malhas do império e os Angolanos viam-se cada dia menos donos de seu próprio destino.^{VII}

O narrador age como um historiador, inclusive ao assumir a voz de narrador em terceira pessoa objetiva, que contrasta com a narrativa pessoal do autor. O narrador do romance é também mais um personagem e suas experiências que toma a maior parte do texto. A seção “Agradecimentos” funciona como um prefácio onde o autor, Agualusa, agradece aos amigos que o “apoiam durante o trabalho de pesquisa e documentação, ou se dispuseram a partilhar comigo as suas memórias”. Aqui o autor enuncia sua subjetividade e o caráter subjetivo e pessoal do texto: ele elaborou, ele construiu, ele fez a pesquisa. E deixa claro para o leitor o caráter investigativo e documental do “romance”. No decorrer do livro, desaparece Agualusa e aparece o narrador-personagem que constrói a biografia de Lúcia, ao mesmo tempo em que conta como descobriu fatos e informações e como também participou do momento histórico que se põe a narrar. Ou seja, há um claro deslocamento: Agualusa declara que fez pesquisa nos “Agradecimentos” e ao começarmos a leitura descobrimos que o autor do relatório é um personagem.



E o leitor embarca nesta investigação onde a narrativa precisa ser também por ele produzida, sobretudo onde o texto está aberto, interrompido e incompleto. E durante a leitura, o leitor entra em contato com os próprios processos através dos quais nós produzimos memória, atividade sempre indiciária, que opera mais com o silêncio, com o que é esquecido, do que com o que é lembrado. E em Angola, a memória faz um esforço hercúleo para lembrar em uma época onde as autoridades – herdeiras políticas do passado – insistem em fazer esquecer. Silêncio e palavra estão mergulhados nas relações de poder. Essa é a dimensão política do silêncio. “A exploração do homem tem seu esteio no arrancar-lhe a palavra: emudecê-lo é reduzi-lo a nada; é, assim, facilitar o mando – impedindo ao outro a palavra que forja a possibilidade de sonhar outro destino, diverso. O próprio do escravo é o silêncio: cala sua voz e acolhe a alheia”.VIII

Estação das chuvas é fruto deste esforço para evitar o apagamento, o silenciamento em um momento onde se reclama a falta de informações e documentos sobre a história recente de Angola, cuja responsabilidade recai sob os ombros do MPLA. Mas porque a história não assume esta função? De fato, na África portuguesa, a literatura, e nesta categoria colocamos os textos de autores como José Eduardo Agualusa (autor de Estação das chuvas), Ondjaki, Mia Couto e Pepetela, tem exercido a função de denunciante, de produtora de verdade histórica em tempos de obliteração e procura pela explicação do caos pós-colonial.

E as narrativas trazem registros das vivências das pessoas que testemunharam, que viram a história e que tem a memória como arma. Para Beatriz Sarlo, as últimas duas décadas trouxeram práticas de auto-arqueologização e de revalorização da história. A história é largamente utilizada no mercado de bens culturais e é convidada para produzir histórias “reais” de vida para revistas, cinemas, televisão e editoras de best-sellers de romances históricos.^{IX}

Não podemos deixar de afirmar que esta tendência da história abordar a “experiência vivida” é ainda hoje presente na academia: os historiadores profissionais atualmente abordam as experiências marginais, a vida dos indivíduos infames, resistentes, inventivos e subalternos. Guardando as devidas diferenças, consideramos também que a história acadêmica e não acadêmica está tomada pelo espírito do reality-show.



Todavia, precisamos fugir à tentação de confundir estes relatos de memória, que Agualusa recria em Estação das chuvas, com a história. Enquanto a memória mergulha no sonho de contar tudo e detalhar o acontecido para torná-lo verdadeiro, a história opera com recortes e se distancia da utopia do relato completo ao depender de procedimentos metodológicos e expositivo-didáticos. Inclusive, a história não deve depender apenas dos relatos orais como fontes de pesquisa. Por isso, a política de apagamento dos vestígios da ordem autoritária impõe sérios limites para o trabalho do historiador. Enfim, nesta ordem de coisas, apenas a literatura torna-se possível. Por isso, Lídia mesmo sendo historiadora escreve poemas. E Agualusa faz prosa.

Mesmo não sendo história, a literatura pode utilizar-se de estratégias narrativas historiográficas e mover-se neste abismo entre a verdade e a verossimilhança participando ativamente da confecção de sentidos para o mundo e de agir politicamente sobre ele, produzir deslocamentos. A escrita agualusiana autoriza a fala a muitos dos seus personagens. É plural. Além do mais, a polifonia associada à falta do discurso autorizado e definidor do historiador possibilita a produção de um texto irônico que duvida o tempo inteiro das reduções, mistificações e explicações simplistas do vivido.

Agualusa parece resistir à idéia de que a história é o único discurso autorizado a falar do passado, como de fato historicamente se constituiu no ocidente. No alvorecer do século XXI, Estação das chuvas reafirma a indizibilidade da verdade para criticar a “grande narrativa ocidental” e denuncia o caráter libertador das verdades relativas e plurais identitárias pós-coloniais.

Lídia do Carmo Ferreira e os ecos do passado angolano

Lídia Ferreira: poeta, historiadora, libertária, angolana e cosmopolita. Uma vida amarrada às redes que o século XX teceu entre a África e o resto do mundo. E, portanto, entre nós e Lídia. Entre nós e Angola.

Nascida em 1928, Lídia cresceu na Luanda que já vivia as transformações decorrentes de um novo padrão de domínio colonial português. No início do século XX, Angola sofreu muitas transformações decorrentes da nova política colonial portuguesa para com a antiga colônia. O regime republicano resolvera investir na colônia e desenvolvê-la economicamente através da atividade agro-exportadora de produtos tropicais como café, sisal e cana-de-açúcar.



Lídia foi criada por seu avô, Jacinto do Carmo Ferreira membro das elites econômicas de Angola. Enquanto criança, freqüentemente, escutava críticas à dominação colonial em conversas de adultos. Lídia conviveu e estudou com os filhos da aristocracia crioula e luso-descendente. Tornar-se-ia uma jovem poetisa compromissada com a independência de Angola. Lídia é uma criação de José Eduardo Agualusa, mas bem que poderia ser vária(o)s angolanas e angolanos.

Em Angola, na década de 1960, a poesia era um instrumento de afirmação cultural, de reescrita de um passado, de uma história recalçada. Um ato de representação do mundo, de organização de imagens, sentidos e discursos com o objetivo de compreender aquele mundo sob o signo da falta. Como disse Lídia, “a poesia era um destino irreparável, naquela época, para um estudante angolano”.^x Alguns poetas evocavam lembranças da infância angolana, memórias de bons tempos, dos costumes antigos de Angola, além de acusarem a política colonialista de degradação do patrimônio histórico e da destruição das tradições do povo angolano.

Continuando sua formação, Lídia estuda história. Era uma oportunidade de continuar procurando a sua história e quem sabe escrevê-la. Assim, para tema de pesquisa para a conclusão do curso resolve estudar a história de António Guilherme Amo, um escravo africano oferecido pela Companhia das Índias Ocidentais Holandesas como presente a um nobre alemão que estudou em universidades alemãs tornando-se filósofo e professor de destaque nas universidades de Halle, Jena e Wittenberg na Alemanha no século XVIII. Em Berlim consegue a documentação para concluir a pesquisa. Assim como faziam os filhos das elites angolanas, Lídia estudava na Lisboa de Salazar. É lá que um professor, ex-ministro da ditadura, incomodado com a escolha temática da aluna, sugere que a orientanda estude “as nossas espantosas viagens marítimas”. Assim, ela responde “vossas”. Mais “do mesmo” não a interessava. A história do filósofo^{XI} era também a história de Lídia.

Durante a formação universitária, Lídia que já conhecia Viriato da Costa desde os estudos liceais, se encontraria com futuras figuras importantes da luta anti-colonial, como Mário Pinto de Andrade e Amílcar Cabral (líder da independência de Guiné e Cabo Verde). A convivência nas universidades metropolitanas e na Casa dos Estudantes do Império, como espaço fundado na ditadura salazarista para vigiar os estudantes e que terminou sendo um espaço de efervescência de idéias.



Estes jovens então se formavam intelectuais numa encruzilhada: entre as tradições culturais africanas e a educação ocidental. Estes líderes em muito se diferenciariam das populações pobres que permaneciam em suas vidas rurais e distantes dos marxismos, maoísmo, liberalismo e práticas políticas ocidentais.^{XII}

Entre a África profunda e a velha Europa colonial: lugares em questão.

Eram muitas as questões que motivavam debates entre estes jovens libertários na fase “romântica” inicial do MPLA. Em certa ocasião, por exemplo, Lídia e Mario Pinto de Andrade debatem sobre literatura e identidade. Era o ano de 1953. Estavam discutindo a edição do Caderno de Poesia Negra de Expressão Portuguesa. Lídia discorda, pois não sente “negra”, sua poesia:

a verdade é que eu não me identifico com a negritude. Compreendo a negritude, estou solidária com os negros do mundo inteiro e gosto muito dos poemas de Senghor e dos contos de Diop, mas sinto que o nosso universo é outro. Tu, como eu ou o Viriato da Cruz, todos nós pertencemos a uma outra África; àquela mesma África que habita também nas Antilhas, no Brasil, em Cabo Verde ou em São Tomé, uma mistura de África profunda e da velha Europa colonial. Pretender o contrário é uma fraude.^{XIII}

Os longos anos de dominação colonial em Angola produziram uma filha da “África profunda e da velha Europa colonial”. Os angolanos, assim os brasileiros, e os povos de outros países do mundo pós-colonial são produtos desta mistura de cultura produzida nos encontros e desencontros entre dominadores e dominados, colonos/colonizadores e colonizados.

Liídia é uma intelectual de fronteira, que vive nas margens entre as terras e culturas que foram violentamente integradas desde o século XVI. Mário é um poeta da negritude da causa negra. Assim, acusa-a de luso-tropicalista à moda freyriana. Apesar de negra, Lídia sente-se mestiça, mesclada, misturada, crioula. Ela transcende a questão racial que exclui e pensa na criouliidade culturalista que inclui todas as cores daqueles que politicamente comprometem-se em combater a injustiça colonial.

Para a crítica Iza Quelhas,



A referência a Gilberto Freire, assim como à recepção problemática de suas idéias pelos intelectuais africanos, ocorrida também por parte da comunidade intelectual brasileira, num momento em que a questão da identidade nacional cobrava atitudes mais definidas e menos retóricas em relação às práticas coloniais, perfaz também um cenário ideológico e textual, onde a cor da pele categoriza até mesmo a poesia, necessidade histórica de inserir a especificidade das etnias na abstração própria do universal. A personagem Lídia, imagem da intelectual mestiça não pela cor da pele, mas por sua formação histórica produtora também de subjetividades, vincula-se aos mundos em confronto, ao mesmo tempo em que enfrenta embates outros com aqueles que supostamente seriam os seus parceiros e interlocutores.^{XIV}

Todavia, viver na fronteira tem um preço, o terreno é movediço e a ironia é o perfume de sua vida, uma busca permanente pelo sentido daquilo que vive e daquilo que escreve. Lídia coloca-se como uma prisioneira do mundo, como alguém encarcerado no tecido saber-poder de sua sociedade, como alguém cuja vida serve para demonstrar a inadequação da “consciência” e da “vontade humana” em salvar o mundo da morte, do esquecimento, da fugacidade do tempo.^{XV} Há em Lídia um “tom autoconscientemente cético”, ou “relativizante”. Naquilo que faz, naquilo que diz há o reconhecimento da “a natureza problemática da própria linguagem” que não consegue representar adequadamente a realidade histórica em que vive.^{XVI}

Não há respostas fáceis. Ou talvez nem existam respostas. A poesia é seu canto de dor e desespero. E de saudade da infância, das histórias e mistérios que povoavam sua imaginação. Sabe que na pena dos viventes mestiços / híbridos “há urgência naquilo que escrevem. Eles sofrem, estão doentes. Escrevem porque precisam de saber quem são”.^{XVII} Isso faz Lídia única e especial. Ela que é também um espelho do autor, também homem de fronteiras. Explico: José Eduardo Agualusa é natural de Huambo, Angola, mas estudou silvicultura e agronomia em Lisboa, Portugal e tem ascendência paterna portuguesa e materna brasileira.

O passado de Angola no olhar da narrativa literária

Através de Estação das chuvas o leitor pode ter uma compreensão privilegiada sobre a história recente de Angola. É um bom exemplo de como a obra literária pode servir ao estudioso da história como documento de problematização de uma época. Testemunho de reflexão crítica



sobre seus personagens reais, com seus modos de pensar e agir, valores, preconceitos, medos, sonhos e maneiras de pensar o mundo.

A dominação das potências imperialistas sobre os territórios coloniais era motivada por vários tipos de interesses. A conquista era motivada ora por interesses econômicos, ora geopolíticos, ora simbólicos.^{xviii} O Imperialismo português na África deve ser explicado em função, sobretudo de interesses simbólicos: as elites políticas usam a dominação colonial para desviar tensões sociais e políticas ao fortalecer o nacionalismo imperialista e defender o status político internacional perdido desde a época de ouro das grandes navegações.^{xix} As colônias portuguesas são símbolos do passado glorioso agenciados pela monarquia decadente, pelos governos republicanos a partir de 1910 e pela ditadura salazarista a partir da década de 1930. Alguns trechos da obra elucidam que a ditadura salazarista reforçou o aparato repressor após o fortalecimento dos movimentos angolanos de emancipação cultural do pós-guerra. Ao contrário das potências industrializadas, Portugal, um país atrasado e agrário, não poderia desenvolver relações econômicas pacíficas que perpetuassem a dominação econômica em suas colônias a não ser pelo uso brutal da força. Enquanto o continente africano constrói sua emancipação entre o final dos anos 50 e inícios dos 60, a África portuguesa teria que esperar, a custo de muitas vidas, o fim do regime então liderado por Marcelo Caetano após a Revolução dos Cravos em 1974.

No final dos anos 1950 e inícios dos anos 1960, surgem os movimentos anti-coloniais organizados em Angola e com eles fortes ações de repressão policial do governo português na colônia. Como narrou o escritor-historiador:

Em Angola, a polícia política portuguesa prendera dezenas de nacionalistas. Numa operação que marcou o endurecimento do regime de Salazar em relação às colônias e que ficaria conhecida para a história como o processo dos Cinquenta. As estruturas de oposição ao colonialismo português se multiplicavam por toda parte, sobrepondo-se e confundindo-se a um ritmo de vertigem.^{xx}

Em 1960, o MPLA propôs inclusive a solução pacífica do problema colonial. Nas palavras de Agualusa, em mais um enunciado tipicamente historiográfico, “o MPLA pedia a Salazar para se conformar com a recente decisão da ONU exigindo a Portugal que concedesse a independência às suas colônias”.^{xxi}



Além do MPLA havia outros grupos fortemente organizados, que eram a UPA, a FNLA e a UNITA. Lídia fez parte do MPLA (Movimento Popular para a Libertação de Angola), o grupo que se tornaria hegemônico no processo de emancipação. Lídia participava com paixão das discussões do MPLA, que agrupou entre os finais dos anos de 1950 e princípios de 1960 importantes lideranças do nacionalismo angolano, sobretudo estudantes no exterior, como ela e exilados fugidos da PIDE (Polícia Internacional e de Defesa do Estado). Sua principal liderança, e que se tornaria primeiro presidente de Angola, foi Antônio Agostinho Neto, que ao lado de Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade converteu o movimento em força de resistência armada anti-colonial. O MPLA viria a disputar espaço político principalmente com UPA/FNLA (União dos Povos Angolanos que se uniu à Frente de Libertação Nacional de Angola) e a UNITA (União para a Independência Total de Angola). A falta de unidade destes movimentos dava-se em função de conflitos políticos, ideológicos e étnicos. Os grupos agiam liderados por membros das elites angolanas que se colocavam como vanguardas políticas iluminadas.

Os conflitos dividiam as elites educadas e ocidentalizadas, no entanto agregavam as populações analfabetas viventes das periferias das cidades e, sobretudo, do interior do país na guerra, na fome, na pobreza e na miséria.

A Revolução dos Cravos é um marco importante na luta anti-colonial. A também chamada Revolução de Abril havia sido conduzida por oficiais, sobretudo capitães, que tinham participado na guerra colonial e que não mais compactuavam com a pretensão do governo na manutenção a ferro e fogo da dominação colonial.

Há a independência de Angola em 11 de novembro de 1975. Os grupos disputam à bala a legitimidade política de guiar Angola recém-nascida. Os portugueses fogem em massa do país. A morte do domínio colonial é o nascimento da guerra civil e da intervenção estrangeira: apoiado pelo exército cubano, o MPLA toma Luanda, mas enfrenta a resistência de antigos comandos portugueses, da UNITA, de tropas sul-africanas e do exército do Zaire então sob a ditadura do General Mobutu que apoiavam os guerrilheiros da FLNA de Daniel Chipenda e Álvaro Holden Roberto.



Agualusa denuncia o início de uma nova guerra aberta, onde os três grupos nacionalistas (MPLA, FNLA e UNITA) comandados por membros das elites crioulas que, no processo de independência falavam em nome do povo combatendo o colonialismo português, agora lutam entre si pelo controle do país.

A nova (des)ordem traz uma Luanda bestializada na voz de um narrador desesperado:

As ruas estavam imundas e matilhas de cães revolviam os destroços [...]. As casas, belíssimas, tinham as janelas fechadas, as portas e portões fechados, aos amplos jardins vazios e aquele aspecto vago e desolado das coisas que deixaram de fazer sentido. Fui ao jardim zoológico, um sítio que conhecia desde criança. Os soldados haviam morto as gazelas, os pavões e as avestruzes para os comerem; os elefantes para lhes roubarem as presas, e os leões, os mabecos e os tigres por puro prazer.^{XXII}

O MPLA torna-se o grupo hegemônico que vai enfrentar a resistência da FLNA e da UNITA (liderada por Jonas Savimbi). Havia a demonização recíproca: o MPLA acusava a FNLA de ser um movimento de direita e fantoche do imperialismo norte-americano devido ao apoio dado pelo Zaire do ditador Mobutu e pelos EUA.^{XXIII}

O FLNA por sua vez, acusava a origem pequeno-burguesa dos líderes comunistas do MPLA, insinuando que nenhum deles tinha ligações às massas camponesas, por isso não eram capazes de estruturar um movimento de ação armada contra o domínio português. E acusava o grupo de ser fantoche do imperialismo soviético devido ao apoio recebido da URSS, dos países do Leste Europeu e de Cuba.^{XXIV}

Todavia, o MPLA deu uma nova tônica ao processo revolucionário, pois definiu métodos de ação que transbordavam as fronteiras da cidade e iam à busca das populações rurais. O que catapultou a popularidade do movimento.^{XXV}

No mundo pós-colonial, era uma questão crucial decidir que formas políticas deveriam tomar os novos países: Repúblicas Populares Socialistas ou Repúblicas Capitalistas Parlamentares, portanto, modelos de organização política ocidentais. Na verdade, predominaram os regimes militares ditatoriais tanto em países comunistas quanto capitalistas pós-coloniais: as forças



armadas eram os únicos corpos políticos capazes de estabilizar governos efetivos nos novos Estados e na América Latina carentes de tradição e legitimidade política.^{XXVI}

Sob a liderança de Agostinho Neto, o MPLA implanta uma violenta ditadura de inspiração comunista. Procura construir a coesão política reprimindo tanto guerrilheiros armados quanto companheiros históricos descontentes com o caminho autoritário (como nossa personagem Lúcia Ferreira e Viriato da Cruz e Mário Pinto de Andrade, que havia fundado uma dissidência chamada Revolta Activa, crítica ao comando de Agostinho Neto) na esperança de futuramente estabelecerem regimes democráticos e governos legítimos e eficazes.

Companheiros, ou melhor, camaradas (como se tratavam historicamente os membros do MPLA) dissidentes serão exilados, presos, torturados e mortos. A desilusão aprofunda-se em Lúcia: “morri e ninguém soube nada”.^{XXVII}

A Guerra Civil é interrompida em 1992, quando Angola conhecerá sua primeira eleição democrática. Foi comovente ver “as pessoas esperando a vez em bichas sem fim, ardendo em silêncio debaixo da fúria do sol” por todo o país. Era como disse o personagem Zorro: “estão a votar contra a guerra”.^{XXVIII} Todavia, após um breve interlúdio a guerra civil recomeça: a UNITA não reconhece a derrota eleitoral. Nesse contexto, momentos antes de lançar seu mais recente livro, Lúcia Ferreira desaparece misteriosamente. E a estação das chuvas não chega. O narrador sentencia: Angola continua em chamas.

Notas

^I Pesquisador licenciado em História pela UFCG e mestre em História pela UFPE.

^{II} Pesquisador licenciado e doutor em História pela UFPE.

^{III} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.

^{IV} HOLANDA. Lourival. O Instituto Histórico e a construção da memória. In: Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano, número 59, Janeiro, 2002, Recife. p.96.

^V GAGNEBIN, Jeanne Marie. Sete aulas sobre linguagem, memória e história. Rio de Janeiro: Imago, 1997.p.70.

^{VI} CERTEAU, Michel de. A escrita da história. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.p.66.

^{VII} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.p.61.

^{VIII} HOLANDA, Lourival. Sob o signo do silêncio: Vidas Secas e O Estrangeiro. São Paulo, Edusp: 1992.p. 42-43.



- ^{IX} SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. São. Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- ^X AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.p.62.
- ^{XI} Enquanto Lúcia é um personagem criado em Estação das Chuvas, Antônio Guilherme Amo ou Anton Wilhelm Amo é figura histórica mencionada em registros documentais.
- ^{XII} HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- ^{XIII} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.p.80-81.
- ^{XIV} Quelhas, Iza. Literatura e História, Gêneros discursivos e polifonia em Estação das Chuvas, José Eduardo Agualusa. Revista [achegas.net](http://www.achegas.net). n.3, jan. 2003. Disponível em <http://www.achegas.net/numero/tres/iza_quelhas.htm>. Acesso em: 20 de julho de 2011.
- ^{XV} WHITE, Hayden. A meta-história: a imaginação histórica no século XIX. São Paulo: Edusp, 1995. p.24.
- ^{XVI} WHITE, Hayden. A meta-história: a imaginação histórica no século XIX. São Paulo: Edusp, 1995. p.51.
- ^{XVII} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.p.238.
- ^{XVIII} HOBSBAWM, Eric. Era dos Impérios: 1875-1914. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- ^{XIX} SARAIVA, J. F. S. (Org.). Relações internacionais: dois séculos de história. Vol. 2. Brasília: IBRI, 2001.
- ^{XX} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.p.104.
- ^{XXI} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.p.105.
- ^{XXII} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000. p.148.
- ^{XXIII} FREITAS, Amadeu José de. Angola: o Longo Caminho da Liberdade. Moraes Editores, 1975. p.100 – 126.
- ^{XXIV} FREITAS, Amadeu José de. Angola: o Longo Caminho da Liberdade. Moraes Editores, 1975. p. 100 – 126.
- ^{XXV} FREITAS, Amadeu José de. Angola: o Longo Caminho da Liberdade. Moraes Editores, 1975. p. 100 – 126.
- ^{XXVI} HOBSBAWM, Eric. Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- ^{XXVII} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000. p. 268.
- ^{XXVIII} AGUALUSA, José Eduardo. Estação das chuvas. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.p 260.

Referências bibliográficas

- AGUALUSA, José Eduardo. **Estação das chuvas**. Rio de Janeiro: Gryphus, 2000.
- BARTHES, Roland. **Um rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1990.
- _____. **À beira da falésia: A História entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2002.



- FOUCAULT, Michel. **A microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.
- FREITAS, Amadeu José de. **Angola: o Longo Caminho da Liberdade**. Moraes Editores, 1975.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Sete aulas sobre linguagem, memória e história**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- HOLANDA, Lourival. **Sob o signo do silêncio: Vidas Secas e O Estrangeiro**. São Paulo, Edusp: 1992.
- HOLANDA. Lourival. O Instituto Histórico e a construção da memória. In: **Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano**, número 59, Janeiro, 2002, Recife.
- HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Impérios: 1875-1914**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HOBBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: O breve século XX, 1914-1991**. São Paulo: Cia. das Letras, 1995.
- Mance, Euclides André. As Filosofias Africanas e a Temática de Libertação. Disponível em : <<http://afrobrasileira.multiply.com/journal/item/31>>. Acesso em: 09 de julho de 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autentica, 2003.
- SARAIVA, J. F. S. (Org.). **Relações internacionais: dois séculos de história**. Vol. 2. Brasília: IBRI, 2001
- SARLO, Beatriz. **Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva**. São. Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- Siqueira, Carlos Henrique R. A linguagem do ‘amor colonial’: O discurso do poder pastoral na justificação da escravidão. Sankofa. In.: **Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana**. n. 1, jun./2008. Disponível em <http://revistasankofa.googlepages.com/Alinguagemdoamorcolonial.pdf> >. Acesso em: 09 de julho de 2008.
- WHITE, Hayden. **A meta-história: a imaginação histórica no século XIX**. São Paulo: Edusp, 1995.

Sitografia

- FORÇA NACIONAL PARA LIBERTAÇÃO DE ANGOLA. Disponível em <<http://www.fnla.net>>. Acesso em: 09 de julho de 2008.



LUSOFONIA POÉTICA. Disponível em <<http://www.lusofoniapoetica.com>>. Acesso em: 09 de julho de 2008.

Quelhas, Iza. Literatura e História, Gêneros discursivos e polifonia em Estação das Chuvas, José Eduardo Agualusa. **Revista achegas.net**. n.3, jan. 2003. Disponível em <http://www.achegas.net/numero/tres/iza_quelhas.htm>. Acesso em: 09 de julho de 2008.